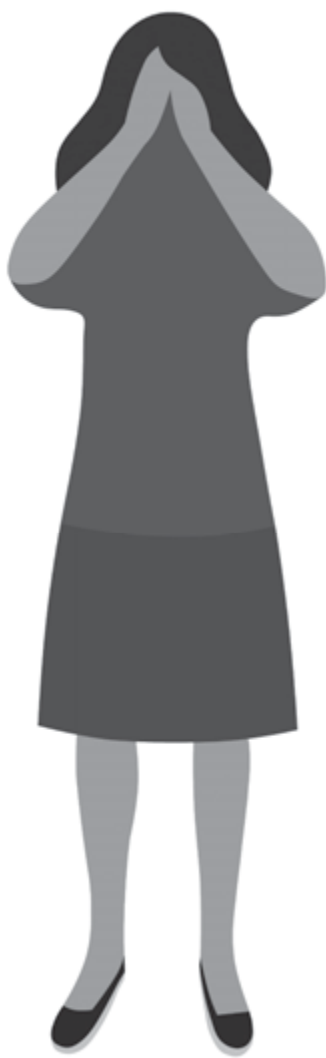


A stylized illustration of a woman with long black hair, wearing a dark grey t-shirt and a green skirt. She has her hands pressed against her face in a gesture of distress or despair. The background is a solid dark grey.

Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente



MARIA SEMPLE



Hoje vai ser **DIFERENTE**

MARIA SEMPLE

Tradução de João Ximenes Braga



*Para George, Poppy e também para Ralphie.
Mas nem tanto.*

Hoje vai ser diferente. Hoje estarei presente. Hoje vou olhar no fundo dos olhos de todas as pessoas com quem conversar e vou ouvir com atenção. Hoje vou brincar com Timby. Vou tomar a iniciativa de transar com Joe. Hoje vou sentir orgulho da minha aparência. Vou tomar banho, me vestir bem e só vou usar roupas de ioga para ir à aula de ioga, à qual não vou faltar. Hoje não vou falar palavrão. Não vou falar sobre dinheiro. Hoje vou buscar a simplicidade. Vou exibir uma expressão relaxada e um sorriso. Hoje vou irradiar calma. Bondade e autocontrole abundantes. Hoje vou prestigiar os comerciantes locais. Hoje vou dar o melhor de mim, vou ser a pessoa que sou capaz de ser. Hoje vai ser diferente.

0 truque

Porque do outro jeito não estava dando certo. Acordar e dar o dia por terminado só na hora de ir para a cama. Enfrentá-lo era uma desgraça, uma afronta à honra e ao privilégio de estar viva. Andar por aí como um fantasma, mal-humorada e distraída, anuviada e apressada. (Tudo isso é só suposição, porque não faço ideia de como as pessoas me veem. Minha consciência é inepta a este ponto e passa longe da superfície, feito uma rã hibernando no inverno). Tornar o mundo um lugar pior só por estar presente. Ser cega para a destruição ao meu redor. O Mr. Magoo.

Se eu for obrigada a ser sincera, foi assim que deixei o mundo na semana passada: pior, pior, melhor, pior, igual, pior, igual. Nada do que se orgulhar. Não que eu necessariamente precise tornar o mundo melhor, veja bem. Mas hoje vou seguir o juramento de Hipócrates: primeiro, não faça mal a ninguém.

Não pode ser tão difícil. Levar Timby ao colégio, ter aula de poesia (o que mais gosto de fazer na vida!), ir à ioga, almoçar com Sydney Madsen, a quem não suporto, mas pelo menos posso tirar isso da lista (mais sobre isso a seguir), buscar Timby e deixá-lo com Joe, o agente de seguros de toda essa louca abundância.

Você deve estar tentando entender por que tanto drama em torno de um dia normal com problemas de gente branca. Porque existe eu e existe a fera dentro de mim. Seria genial se a fera dentro de mim aparecesse num quadro gigante, chocando e impressionando os espectadores, causando uma destruição catastrófica que seria lembrada para sempre. Se eu fosse dessas, talvez fizesse algo assim: uma gloriosa automutilação pelo bem da arte performática. A triste verdade? A fera dentro de mim funciona numa

escala dolorosamente pequena: microtransações lamentáveis que costumam envolver Timby, meus amigos ou Joe. Quando estou com eles, fico irritadiça e morro de ansiedade; sem, fico toda sentimental e delirante. Rá! Não parece bom estar a uma distância segura de mim, com as portas trancadas e as janelas fechadas? Ah, que isso! Sou legal. Estou exagerando. Também não é assim...

Então, no minuto em que saí dos lençóis, o dia começou. O *tap-tap-tap* das unhas de Ioiô na madeira, parando diante do quarto. Por que, quando Joe sai da cama, Ioiô não *trota-trota-trota* e o aguarda com sua esperança servil? Como é que Ioiô, do outro lado da porta fechada, sabe que sou eu e não Joe? Certa vez um treinador de cães me deu uma explicação deprimente: foi com o meu cheiro que Ioiô se identificou. Ao lembrar que o nirvana dele é uma foca morta na praia, me pergunto se já está na hora de voltar para a cama. Não, não vou fazer isso. Hoje, não.

Eu não quis poupar comentários sobre Sydney Madsen.

Há dez anos, quando Joe e eu chegamos em Seattle, vindos de Nova York, estávamos prontos para começar nossa família. Eu tinha acabado de passar cinco anos exaustivos trabalhando na *Looper Wash*. Para onde quer que se olhasse, havia camisetas, broches e *mouse pads* da *Looper Wash*. *Meu nome é Vivian. Meu nome é Dot*. Você deve lembrar disso. Senão, procure a loja de um e noventa e nove mais próxima e vá na seção de dois pelo preço de um, pois já faz tempo.

Joe, cirurgião especializado em mãos, se tornou uma lenda após reconstituir a mão daquele quarterback cujo polegar quebrou para trás e que ninguém acreditava que voltaria a jogar, mas no ano seguinte o cara ganhou o Super Bowl. (Não lembro o nome dele, mas mesmo que lembrasse não poderia dizer, para preservar a confidencialidade médico/paciente/esposa enxerida).

Joe recebeu ofertas de trabalho em tudo quanto era lugar. Por que Seattle? Joe, um bom rapaz católico da periferia de Buffalo, não conseguia vislumbrar criar os filhos em Manhattan, minha primeira escolha. Então fizemos um acordo. Nós iríamos para onde ele quisesse por dez anos, depois voltaríamos para Nova York para os próximos dez; a cidade dele por dez anos, a minha por outros dez, e assim por diante até morrer. (Um acordo que, convenientemente, ele se esqueceu de cumprir, devo dizer, pois estamos prestes a completar dez anos aqui e não se ouve um pio sobre mudança.)

Como todo mundo sabe, receber educação católica e ter metade de um cérebro resulta em se tornar ateu. Durante uma de nossas convenções de cétricos (sim, passamos nossa juventude fazendo coisas como viajar para a Filadélfia para assistir ao debate de Penn Jillette com um rabino! Ah, as vantagens de não ter filhos... Só que não), Joe ouviu dizer que Seattle era a cidade menos religiosa dos Estados Unidos. Seattle, aí vamos nós.

Um membro do comitê do Médicos Sem Fronteiras nos ofereceu uma festa de boas-vindas à cidade. Toda serelepe, fui até a mansão à beira do lago Washington, cheia de arte moderna e futuros amigos meus. Durante toda a minha vida, as pessoas sempre gostaram de mim. Está bem, confesso: sempre me adoraram. E eu não entendo o motivo, porque tenho uma personalidade horrível, mas de alguma forma funciona. Joe diz que é porque sou a mulher mais parecida com um homem que ele já conheceu, mas sou sexy e não levo nada para o lado pessoal. (Um elogio!) Fui de um cômodo a outro, sendo apresentada a diversas mulheres intercambiáveis em decência e generosidade. Era uma daquelas situações em que durante a conversa a pessoa diz que gosta de acampar, e você responde:

— Ah! Acabei de falar com um pessoal que vai viajar por dez dias fazendo rafting pelo Snake River. Você ia adorar conhecê-los!

E a pessoa diz:

— Fui eu que falei isso.

O que posso dizer? Sou péssima em decorar rostos. E nomes. Números. Horas. Datas.

A festa inteira não passou de um borrão. Havia uma mulher ansiosa para me mostrar as lojas legais, outra querendo me levar para fazer trilhas desconhecidas, outra para o restaurante italiano do pai do Mario Batali na Pioneer Square, outra ao melhor dentista da cidade que exibia no consultório uma pintura em glitter de um tigre pulando de paraquedas, e ainda outra querendo me indicar uma faxineira. Uma delas, Sydney Madsen, me convidou para almoçar no dia seguinte no Tamarind Tree no International District.

(Joe costuma fazer o que ele chama de teste da revista. É a reação que a pessoa tem ao abrir a caixa de correio e pegar uma revista. De imediato, se sabe está feliz ou chateada por receber aquilo. Por isso eu não assino a *New Yorker*, mas a *US Weekly*. No teste da revista, Sydney Madsen é o equivalente a uma publicação médica sobre labirintite.)

O primeiro almoço: ela foi tão cuidadosa com as palavras, tão sincera em seu olhar; notou uma manchinha no garfo e foi exageradamente educada com o garçom ao pedir um talher limpo; trouxe o próprio saquinho de chá e solicitou apenas água quente; disse que não estava com muita fome e sugeriu dividirmos a salada verde com mamão que eu tinha pedido; me disse que nunca tinha assistido a *Looper Wash*, mas que iria pegar os DVDs emprestados na biblioteca.

Estou pintando uma imagem clara o suficiente da tristeza mesquinha, da estupidez egoísta, da esquisitice vulgar? Um garfo manchado nunca matou ninguém! *Comprar* os DVDs, que tal? Comer o que é servido no restaurante, afinal é assim que as pessoas mantêm seus negócios! Para piorar, Sydney Madsen era firme, séria, sem um pingão de senso de humor e falava... muito... devagar... como... se... sua... monotonia... fosse... seu... grande... tesouro.

Eu estava chocada. Morar por muito tempo em Nova York faz isso com uma mulher: você acaba com a falsa impressão de que o

mundo é cheio de gente interessante. Ou pelo menos de gente que é louca de um jeito interessante.

Em determinado momento, eu me contorcia de forma tão violenta na cadeira que Sydney perguntou:

— Você precisa retocar a maquiagem?

(Retocar a maquiagem? *Retocar a maquiagem?* Alguém mate essa mulher!)

E a pior parte? Sabe todas aquelas mulheres com quem eu marquei de fazer trilhas e sair para as compras? Não eram várias mulheres. Eram todas Sydney Madsen! Memória maldita! Eu fazia um esforço descomunal para escapar da mangueira de incêndio pela qual ela jorrava novos convites: uma semana na sua casa de praia em Vashon Island, me apresentar para a esposa de alguém um dia, um tal dramaturgo no outro.

Corri para casa e comecei a gritar com Joe.

Ele:

— Você devia ter desconfiado de alguém tão ansioso para fazer amigos, porque isso provavelmente significa que a pessoa não tem amigo nenhum.

Eu:

— Por isso que eu te amo, Joe. Você sintetiza tudo.

(Joe, o sintetizador. Como não amar?)

Sinto muito por insistir no assunto de Sydney Madsen. O problema é: faz dez anos que não consigo me livrar dela. É a amiga de quem não gosto, é a amiga que não sei o que faz da vida porque eu estava entorpecida demais para perguntar da primeira vez e, a essa altura, seria grosseiro perguntar (e eu não sou grosseira), a amiga com quem não sei ser má para fazê-la entender o recado (porque eu não sou má), a amiga para quem vivo dizendo não, não, não, mas que ainda assim me persegue. Ela parece o mal de Parkinson: não tem cura, só dá para controlar os sintomas.

Chega de história de almoço por hoje.

Por favor, saibam que estou ciente de que almoçar com uma pessoa chata é sofrimento de classe média. Quando digo que tenho problemas, não estou me referindo a Sydney Madsen.

Ioiô trota pela rua, o príncipe de Belltown. Ah, Ioiô, seu monstriinho tolo, com sua energia, sua devoção cega e sua orelha batendo a cada passo. Como é tocante o orgulho que você sente de caminhar comigo, sua amada imortal. Se você soubesse...

Que triste espetáculo tem sido, a cada mês, surgir um novo prédio mais alto que o outro, sempre lotado de babacas com crachás azuis da Amazon, toda manhã saindo aos milhares de seus conjugados no meu quarteirão, com a cabeça enfiada no celular, sem nunca olhar para cima. (Eles trabalham para a Amazon, então é fato que são uns desalmados. A única questão: quão desalmados?) Isso me faz lembrar com nostalgia da época em que a Third Avenue era só minha: vitrines de lojas vazias e o drogado solitário gritando:

— É *assim* que se soletra América!

Na frente do nosso prédio, Dennis estava junto do carrinho de lixo e abastecia um recipiente com saquinhos para recolher cocôs.

— Bom dia para vocês dois!

— Bom dia, Dennis!

Em vez de passar batido como sempre, parei e olhei em seus olhos.

— Como está o seu dia?

— Ah, não posso reclamar — respondeu ele. — E o seu?

— Posso reclamar, mas não vou.

Dennis riu.

Hoje, já temos saldo.

Abri a porta do apartamento. No fim do corredor: Joe curvado sobre a mesa, a testa no jornal, os braços estendidos ao lado da cabeça, como se tivesse sido sentenciado à prisão.

Hoje estarei presente. Hoje vou olhar no fundo dos olhos de
todas as pessoas com quem conversar e vou ouvir com atenção.
Hoje vou sentir orgulho da minha aparência. Hoje não vou falar palavrão.
Não vou falar sobre dinheiro. Hoje vou buscar a simplicidade.
Vou exibir uma expressão relaxada e um sorriso.
Hoje vou irradiar calma. Bondade e autocontrole abundantes.
Hoje vou dar o melhor de mim, vou ser a pessoa que sou capaz de ser.

Hoje vai ser diferente.

**"Inteligente, engraçado e humano. É tão atual que assusta.
Coloquei pontos de exclamação e sublinhei passagens
em praticamente todas as páginas."**

Gillian Flynn, autora de *Garota Exemplar*

**"Genial, deslumbrante, ironicamente engraçado
e profundamente emocionante. Amei."**

Marian Keyes, autora de *Melancia*

"Estonteante e delicioso de ler."

Lauren Groff, autora de *Destinos e fúrias*

